

REMATE DE MALES

Campinas-SP, (36.1): pp. 311-316, jan./jun. 2016

Joana Rodrigues
joanarodrigues2@uol.com.br

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

A manutenção de uma vitalidade leitora requer em qualquer tempo a receita tradicionalmente vigorosa, cuja essência se conserva à base de leituras e de releituras. Para os leitores não acomodados, portanto dispostos a manter a reflexão e os debates acerca da formação do pensamento crítico da América Latina, é bastante oportuna a retomada de um clássico como *A cidade das letras*, que ganhou edição renovada da editora Boitempo (Coleção Marxismo e Literatura), e se encontrava esgotado havia tempo.

A não acomodação implica em uma leitura “para revolucionar os espíritos acomodaticios”, ao se tratar “de um livro revolucionário, escrito por um revolucionário”, como finaliza o professor Flávio Aguiar na orelha do livro.

A alusão de Aguiar à obra e ao autor em questão, o uruguaio Ángel Rama (1926-1983), vem sendo convalidada pela crítica, ao longo dos últimos 30 anos, justamente por trazer em seu bojo uma visão inédita quando, ao olhar para a América Latina, reconhece na organização e na formação das cidades – esses “partos da inteligência”, como diz Rama – um caminho para analisar as relações dos letrados com esses espaços.

Esse protagonismo temático que perpassa os seis capítulos do livro firma-se mais precisamente nas relações entre os letrados e o poder. É com esse fio que Rama faz a travessia pela obra, esmiuçando o processo de criação, de construção, desconstrução e de reconstrução de cidades

latino-americanas. Para tanto, elege como ponto de saída a capital do império asteca, Tenochtlán (1521), destruída por Hernán Cortez e, como ponto de chegada, a capital de nosso país, Brasília, projeto futurista dos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, inaugurada em 1960.

É sob o formato do ensaio, esse gênero literário que “tende à produção não de uma verdade teórica pertencente a uma sistemática filosófica, mas sim de uma verdade cultural prática”, isto é ativa e transformadora por si mesma (LEENHARDT, 1993, p. 5), que Rama vai lançar mão de outras referências que não somente as culturais. Dessa forma, alça suas leituras fundadoras nos campos da sociologia, da história e dos estudos culturais, para enlaçar em sua análise das cidades os temas urbanísticos, sociais e econômicos. Nesse sentido, a leitura permite mais. E a permissão nos é concedida ao compreendermos a contraposição das cidades do Novo Continente com aquelas outras, renascentistas do Velho Continente, que trazem à tona o discurso urbano da conquista e, com ele, os escritos desses letrados. É desses textos escritos que emergem questões, das quais Rama se centra em uma, que talvez seja uma questão central da obra, quando nos indaga de pronto qual é o papel dos intelectuais em qualquer uma das “cidades”?

*

A leitura desta edição nos leva aos dois textos de abertura, que, sob enfoques distintos, mas de forma complementar, como já havia observado Liliana Weinberg (2005, p. 387-400), apontam para duas, entre as múltiplas facetas de Rama, entremeadas entre o professor, o pensador, o político, o cidadão e o intelectual que a literatura sempre faz presente como uma vocação nacional.

O primeiro, uma sensível homenagem de Vargas Llosa, nos mostra um Rama leitor, especialmente apaixonado pelos livros e pela voracidade de leituras, e igualmente um Rama crítico, capaz de enxergar o que está por trás dos textos, permitindo conexões com autores e o contexto histórico de suas obras, assim como as especificidades estéticas e artísticas de cada obra. Esse crítico, marcado também por suas visões de conjunto e de lucidez, o que, nas declarações de Vargas Llosa, “já [anda] em falta entre os ambientes da literatura, dos estudos literários e da imprensa”.

O segundo, trata-se do prólogo propriamente dito, traz nas palavras de Hugo Achugar as contribuições de Rama para o campo da teoria e da

crítica literária latino-americanas, marcadamente pelo traço político e comprometido de sua obra e de seu pensamento de esquerda, que reconheceram na literatura uma expressão artística articulada à sociedade e a um tempo histórico.

Os aportes de Achugar ressaltam um questionamento – polêmico – presente entre as décadas de 1970 e 1980, o de tratar da tensão entre as especificidades da crítica literária e os novos caminhos que levariam a empreender os estudos históricos, culturais e sociológicos das obras.

Essa polêmica, para a qual se encaminharam tantos críticos latino-americanistas, acabou provocando uma situação dicotômica, a qual Achugar reivindica em seu prólogo: “A crescente especialização de críticos e professores está conduzindo a uma compreensão fragmentada da cultura latino-americana, e em alguns casos, a uma leitura provinciana, tanto no sentido de local como de isolamento, dos demais aspectos da sociedade”. A contraposição vem na imediata afirmação de Achugar: “Este texto se constitui em uma leitura orgânica do processo histórico-cultural da América Latina. Esta particularidade o diferencia de miradas fragmentárias da cultura latino-americana de hoje e de ontem”.

Ao brado de Achugar, soma-se o de Flávio Aguiar, na mesma direção, o da dificuldade ou da não importância da intelectualidade latino-americana, incluindo a brasileira, em falar sobre a cultura latino-americana em detrimento de uma cultura europeia.

Ambos os textos, o de Achugar e o de Llosa, convergem no tocante ao momento em que foram escritos, no calor da hora – trágica –, da morte de Rama, no mês de novembro de 1983, vítima de um acidente aéreo na cidade espanhola de Mejorada del Campo, juntamente com a crítica de arte, Marta Traba, a segunda esposa de Rama, e os escritores Jorge Ibarguenguaitia e Manuel Scorza.

*

Quando adentramos a leitura do capítulo inicial, “A cidade ordenada”, Rama nos propõe um itinerário transculturador para os outros cinco capítulos que se seguem, assim intitulados: “A cidade letrada”, “A cidade escriturária”, “A cidade modernizada”, “A *polis* se politiza” e “A cidade revolucionária”, cada qual com seu momento histórico particular desde a Conquista até o século XX.

Dessa forma, Rama vai nos mostrando as mudanças daqueles que produzem e consomem textos: os “letrados” nos tempos da Colônia, “os escritores” na Modernidade, e posteriormente os “ideólogos”, todos, sem exceção, se mantêm vinculados ao poder. São os “letrados” que nos tempos coloniais permanecem no poder, pois são os donos do poder e assumem as responsabilidades de delegar poderes e de produzir “escritos”, e aqui se entende a gama da produção escrita que abarca os setores religioso, judiciário, artístico e sociológico das sociedades. No entanto, coube aos “escritores”, no final do século XIX, quando as cidades entraram no processo de modernização, uma atitude “revolucionária”, como afirma Flávio Aguiar, no sentido de assumir a literatura em detrimento do conceito de belas-artes, consolidando-se assim em um discurso formador e definidor de nação. Ou, nas palavras do próprio Rama, “um corpus orgânico, em que se expressa uma cultura, uma nação, o povo de um continente” (RAMA, 2008, p. 24).

*

À edição renovada de *A cidade das letras*, uma nota a mais. Uma lista encorpada, nem sempre tão familiar aos pesquisadores e talvez aos leitores mais jovens, reúne mais de 130 nomes de escritores e pensadores latino-americanos no índice onomástico. Ponto facilitador de pesquisas frente a um painel nem sempre familiar aos leitores, em particular, aos brasileiros.

Esta é a segunda edição brasileira do livro, desde sua publicação póstuma, que aconteceu primeiramente nos Estados Unidos (Hannover, New Hampshire: Edições do Norte, 1984) e no Brasil (São Paulo: Brasiliense, 1985), e somente dez anos depois foi publicada no Uruguai (Montevideú: Arca, 1995).

O livro teve em suas primeiras publicações restrições editoriais quanto à tiragem, para evitar uma distribuição massiva, como observou Liliana Weinberg. Já nas edições uruguaias, quando foi publicado pela Arca, quase 20 anos depois de a editora ter sido criada e dirigida por Rama – no período de 1962 e 1972 –, as tiragens passaram a alcançar o número de 3 mil exemplares, quantidade expressiva em se tratando das dimensões do país. Mais que números, essa ação foi parte do legado deixado por Rama junto ao setor editorial, legado que se manteve coerente com sua proposta de criar um público leitor e aumentar a massa crítica, publicando grandes

tiragens com preços populares, sem o comprometimento da qualidade do livro.

Nas edições da uruguaia Arca para *La ciudad letrada* (título original), nos deparamos, na folha de rosto, com um desenho em que a frase “Hecho por uruguayos con orgullo” ganha destaque ao aparecer acomodada entre a circunferência e o miolo do desenho gráfico, à imitação do carimbo de um selo.

Nesta edição de 2015 da Boitempo Editorial, o fecho vem na última página da publicação, abaixo do retrato em branco e preto de Pepe Mujica: “Publicado em maio de 2015, ano em que José Alberto Mujica Cordano, o Pepe Mujica – dirigente comunista, ex-tupamaro e agricultor que, como presidente do Uruguai (2010-2015), construiu bases para mudanças na vida e na política do país –, deixou a presidência com 65% de aprovação para seguir carreira como senador”.

Mais que detalhes editoriais, são aspectos que dialogam com a proposta intelectual de Ángel Rama, ancorada nas ideias de Karl Marx, Georg Lukács, Michel Foucault, José Martí, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Antonio Candido, Alfonso Reyes, José Enrique Rodó, Claude Lévi-Strauss, conjugadas ao vigor polêmico do inconformismo político que o levou a exílios e à negação de um visto norte-americano na década de 1980, período em que escreveu *A cidade das letras*.

É com a sorridente figura de Mujica que o leitor dá por terminada a primeira de muitas leituras possíveis deste “clássico da celebração da cultura latino-americana” que tanta falta continua fazendo entre os rumos da crítica literária, terreno que Rama semeou conjuntamente com Antonio Candido, sob o teor da presença constante da militância, e o compromisso de intelectuais comprometidos com seu tempo e com sua função junto à sociedade.

A proximidade de Rama junto à intelectualidade brasileira, tão imbricada à figura de Antonio Candido, da mesma forma também se vê contemplada em *A cidade das letras*, uma vez que o uruguaio traz para as páginas de seu ensaio escritores e pensadores como Rui Barbosa, Manoel Bonfim, Sílvio Romero, Cruz e Sousa, Euclides da Cunha e Darcy Ribeiro. Este último, igualmente próximo a ele, foi um dos colaboradores do projeto de criação da Biblioteca Ayacucho.

Quanto ao detalhe editorial de pôr em relevo a nacionalidade uruguaia, presente nas edições de 1998 e 2015 do livro, se mostra igualmente coerente com outro traço marcante da personalidade de Rama, o orgulho

de ser uruguaio. Aspecto ao qual Achugar não se furtou a retomar no prólogo de *A cidade das letras*: “Ser uruguaio era uma forma de ser latino-americano. Ser latino-americano era reconhecer-se na palavra cálida que pronunciavam seus compatriotas” (ACHUGAR, 2015, p. 14).

A cidade das letras é uma obra seminal, e por isso mesmo tem recebido inúmeros estudos dos pesquisadores, em particular dos latino-americanistas, o que tem resultado em contribuições com dossiês e estudos de autoria de pesquisadores como Ana Pizarro, Flávio Aguiar, Françoise Perus, Jacques Leenhardt, Jorge Rufinelli, Liliana Weinberg, Mabel Moraña, Pablo Rocca, Rolena Adorno, entre extensa lista.

As possibilidades de leitura de *A cidade das letras* seguem no plural, múltiplas, alavancadas pelo pensamento de seu autor, que como crítico centrado em uma visão cultural vanguardista, ao entender ser a literatura como “um corpus orgânico, em que se expressa uma cultura, uma nação, o povo de um continente” (RAMA, 2008, p. 24), pode ser compreendida a partir de discussões e reflexões que se desloquem de seus lugares consagrados, como as universidades, e aportem nas páginas de um periódico, ou que ganhem as ruas. O que reitera a disposição de Rama, um intelectual de seu tempo, nos lembra Said, no tocante à circulação de ideias e de conhecimento mediante formas mais democráticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. Prólogo. In: RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LEENHARDT, Jacques. Ángel Rama, uma figura-chave da crítica latino-americana. In: *Literatura e história na América Latina* (org.: Lígia Chiappini; Flávio Wolf de Aguiar). São Paulo: Edusp, 1993.
- RAMA, Ángel. *La novela en América Latina: panoramas 1920-1980*. Santiago do Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008.
- WEINBERG, Liliana. El año de la muerte de Ángel Rama. *Revista Iberoamericana*. México: UNAM, v. LXXI, n. 211, abr.-jun. 2005, p. 387-400.